



RAFAEL SCHERZER

Ondas No Rochedo

(Jorge Rafael Tchimbumbo)

orkugifs.com

Autor:

Rafael Scherzer

(Jorge Rafael Tchimbumbo)

Índice

DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
PREFÁCIO
ZELADORES
DENTRO E FORA ARCA
PANORAMA DA EXISTÊNCIA
FREGUESES
AFECTO ETERNO
PINCEL DE FERRO
DOEU, MAS PASSOU (O que tiver que vir a doer, vai passar)
ERROS DESTES
LUGARES SECOS DO DESERTO
PÁTRIA CELESTE
HOMEM VERTICAL
DADIVOSO PRÊMIO
DE JOELHOS

Créditos Índice Capa

CRÓNICAS DOS ACONTECIMENTOS
SER CRIANÇA
VERSOS EM PELES DE OVELHAS
COM OS ECOS
EROSÃO
SANTO DE ESPIRITO PRONTO
CRISTO E AS RELIGIÕES
OBEDIÊNCIA DESOBEDIENTE
GOTAS DE CORAGEM NUMA TAÇA DE MEDO
SÁBADO CEDO
LINGUAS DE FOGO SOBRE ALMAS DE PALHA
USINA DE SAL DIVERSO
ESTÁ FEITO, MAS NÃO É ASSIM
O CULTO QUE CONTA
INJUSTIÇA É INJUSTIÇA VENHA DE QUEM VIER...
BIOGRAFIA

Dedicatória

Dedico a todos as pessoas no mundo inteiro que buscam o verdadeiro sentido da vida e chamar atenção que, a vida não se busca por meio de religiões e boas intenções humanas, pois a bíblia diz que os caminhos do ser humano parecem bons aos seus olhos mas conduzem a morte, todavia aqueles que incessantemente buscam o sentido da vida naquele que a soprou no ser humano (Deus) esses encontram-na.

Agradecimentos

Agradeço a Deus Pai todo poderoso por aquilo que Ele É!
E pelos feitos que estampou na minha existência e vida aos meus familiares, esposa (Teresa Samba "Yolanda"), filho (Joel J. C. Tchimbumbo); pai (Joaquim Francisco Tchimbumbo); mãe (Rosalina Natália) tia Felismina Madalena e a todos no geral.

Aos irmãos em Cristo que Deus deu a vida

Um obrigado de agradecer a Academia de escritores da Huíla

Aos instrutores, tutores pelas instruções referente a vida como deve ser vivida segundo o autor que a projectou (Deus)

Prefácio

Rafael Scherzer, pseudónimo literário de Jorge Rafael Tchimbumbo, estudante de comunicação social.

A figurativa Obra Poética, "**Ondas no Rochedo**" é uma parte de um passeio pela vida em constantes resgates e desgastes, por esta razão as ondas batem nas rochosas bordas da vida deixando marcas. É uma parte porque há outros textos que não constam neste livro, provavelmente constarão numa segunda edição.

Como regras de tudo, tudo sofre erosões, ondas vão, ondas vêm e com elas os tons de forças variadas vezes suficientes, outras vezes insuficientes, mas a confiança está em Deus assim como Paulo disse: quando estou fraco ai sim, estou forte...

Portanto o problema não são as ondas no rochedo que batem e desgastam, a questão está no resgate. Fomos resgatados, remidos dos pesos e facturas do pecado, Jesus Cristo carregou consigo aquilo que nos era penoso suportar.

ZELADORES

Que não se vêem contrários
Na badalada dos horários
Trigos cultivados dízimos de joio
Para mais um apoio
Arrancam-se tropeços por obras
E não se matam cobras
Que se multiplicam nas murmurações
Que são defeitos dos corações
Zeladores que sirvam na mesa
E ministrem com leveza
O que revela o assopro produtor
Os proféticos instantes apocalípticos
Onde se confundem o evidente
E os ambivalentes dízimos do tamanho dos eucalipticos?

Amealhando orações repetidas
Para alargar as vidas
Nas asas da vontade carnal
E o bem vestido de cores do mal
Leva consigo doces
Em suas posses
Em cálices de veneno
Segundo a vontade do medo
Nas ruas dos sábados cedo
E sacrificar competições
Nos ases das unções
Deixem que venham conduzidos

Créditos Índice Capa

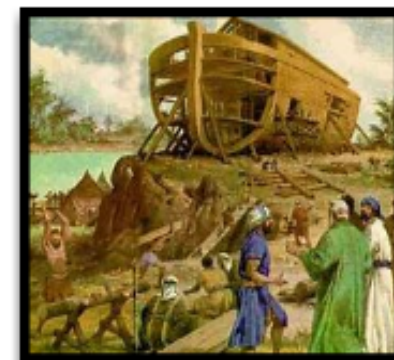
Pelo Espírito de Deus luzidos
O que venham na paz com Deus
Para habituarem-se a nova Aliança
Com a máxima confiança
E se recusem a serem desejos
Mas com os pejos
Envergonhados da vida velha
Se artilhem a esta parelha
Que se conjuga confidencial
Com Cristo na vida social
Na obediência total
De coração intensivo suave
Que voa como ave
Às alturas
Zeladores às escuras
Cuidadosamente como se cuida um diáfano
Que se não pode quebrar
Na negligência colectiva.



DENTRO E FORA DA ARCA

Fora dela tudo se erguia largo de pé
E dentro tudo estreito e Noé
Fora casavam-se e divorciavam-se
Permutas e lucros trocavam-se
Dentro era tudo fixo de quem aceitar
Aceitar na arca entrar...
Na arca não havia diversidades
Nem divórcios e outras verdades
Era tudo fiel ao seu lugar
Fidedigno que se faz a lutar
Luta árdua de não enterrar talentos
Fora da arca muitos ventos
Muitos portos
Muitos preferidos da carne, os tortos
E vida ia à vida
Até chegar dividida
Uns dentro da arca
Outros fora da arca
Dentro Noé velhinho
Fora chuvas de vinho
E choveu cântaros de porte
Fora tudo é morte
E se se atrever alguém sair
De dentro sair sem asas não poderá progredir
Não se sai assanhados da arca
Para sentir outra dinastia e patriarca

O afogamento fora da arca é vizinho
Mais próximo embriagado do vinho
Não tens asas para voar por aí
Ficar dentro da arca aqui
É mais sábio e sossegado
É mais assegurado



PANORAMA DA EXISTÊNCIA

Os olhos são os regentes
E guiam as gentes
Os pés caminham para lá chegar
São os agentes de andar
As mãos são recipientes
Pegam eficientes
Os olhos deviam até pegar
Os pés deviam até olhar
Mas uma e outra coisa alguém executa
Para o regozijo das mãos levantar
Ao som da nostalgia o ouvido escuta
Para as vocais salmodiar
Bílis amargos são doces
Se não rebentarem nas posses
E no fígado faz leitões de organismo
Joelhos dobrados
Não fazem figurismo
São signos humilhados
Coração coronário
Faz existência
Concomitante e vário
É equipa em evidência
Não fazem tudo artéria aorta
Não faz janela a porta
Não faz turma de estômago um só peristáltico
Panorama da existência

Créditos Índice Capa

Um pouco aqui de fluorescência
Não é total de todas iluminárias
Enfeites necessárias
Um pouco por tudo
E tudo por um pouco
Altos e baixos-relevos
É belo o contraste
Faz paisagem dos enlevos
Sei lá onde, mas é uma parte da terra
Para equilibrar o desenrolar da serra
Até ao penhasco faz sentido apreciar
Alimento por elemento
Amálgama da mesma construção...



FREGUESES

Gostos de toda a sensibilidade
Adaptação, não para a mesma finalidade
Mas as lagunas encher
Bebedouros para fazer
Sobreviver...
Selectivos
Arquivos
Adoptivos
Gospelmente excessivos
Fregueses aos seus gostos
Que os ensina a gostar
Tradicionais acostumados a sabadomingar
Se aparecer alguma conexão
Uma nova vivificação
Fica aqui que eu gosto
E outros lugares é oposto...
Fregueses de níveis aceitáveis
São fregueses imperadores
E não percebem que são pecadores...
São importantes privilegiados
Renomados...
E nunca arrependidos...
São direitos
Direitos
Direitos
Direitos...
Direitos...



AFECTO ETERNO

Os filhos e a correcção
Paterno amor e compaixão
Orquestra de estação
Privilégios de habitação
No céu brilha a madeira
E profecias de torneira
Barco da conservação da existência
Do cativoiro saída da eficiência
E a onda firme apagando adrenalina
E o lobo mestre de oficina
Seus ofícios intrusos
Afecto eterno atento aos reclusos
Baptismal fugaz
Obra graciosa que se faz
Obséquio de retornos surpresos
Em cotas sem lugar de pesos
Doridos habitantes no amor
Mãos levantadas e o clamor
Colmeia nos saltérios da cruz
Mel(odiosa) confusão
E faz migração
Uns vão ausentes
Outros presentes
Serpentes de alicerce no pó
Zelos de desesperos só
Resumos da ritual incerteza

Créditos Índice Capa

Alguns passos sobre o mar
Vozes descoroçadoras no falar
Sínteses da filosofia de inferências
Fermentos valiosos de mistura
Atentos nas campinas de auroras
Afectos de quem vê, decoras...!
Mas é tesouro escuso e desentendido
Afecto eterno de grande zelo por nós
Saber que é AMOR sem atroz
Sem ânsias de acertar
Mas certeza pura de altar
Para medir a mesa dos da Ceia
Nas bodas da memória
Para o padrão da epopeia
Eterna recordação e esta pletória
Eterno afecto
Compaixão
E o equiteto
O rio corre de efusão
A redimir em linha uniformemente



PINCEL DE FERRO

Eclipse temporal faz a bifurcação
E os estruturais de fixação
São pão peixe e audição
Comunhão e sensação...
Fixa raça disciplina
Repouso e reclina
Um pouco mais de retrato
Reticências de pincel
Pinta em papel
O que se faz eclesiastes
Articulados de hastes
São opiniões em prato
Plantados para fazer pintura
Uma plataforma de figura
Um só céu, várias marés
Onde se repousa os pés
Lavados de ensaio de autor
E são mais donos da obra
E dão de tudo e sobra
Mais pincel de rumor
Forças e reforços
Contritos de remorsos
Reprendidos com o foco
Murrados de soco
Não importa se doer
Desde que é pintura de viver



Créditos Índice Capa

Pincel de ferro
Faz com duro esmero
Vergar aço e o barro
Faz-se alicerces veloz...



DOEU, MAS PASSOU (O que tiver que vir a doer, vai passar)

Foram marteladas na luz
Tentando fazer águas expandir
E a expansão pedir ajuda num tom que seduz
Foram gomorras a florir
Doeu, mas passou
A emboscada accionou
E içou bandeiras
Para doutras maneiras
Testar quem era pecado
E quem santidade tinha ao lado
Doeu, mas curou...
Fez-se presente, mas passou
Era ignomínia, mas honrou
Era inapto, mas aprovou...
Não merecia,
Não existia
Não vivia
Era o que morria
Vida se tornou
Doeu, mas ressuscitou
Pródigo, melhor filho regressou
E amor desinteressado amou
Não tinha...
Não vinha
Trigal de farinha
Mistura de joio e vinha

Créditos Índice Capa

Bebedeira e nudez
Libido perdão de surdez
Entre as nove e às dez...
Doeu, mas é escassez
Não era indício
Nem alertas de início
Não era limite
Não planeiava onde existe
Surpreso de existência
Não se faz em evidência
Doeu, mas passou
E mais luta se tornou
No rio, lavado se transitou
E mergulhou
Transformado passou
Suas pegadas de seguir a onda apagou...
Não tinha tamanho que tarda
Era cedo de grão de mostarda
Ínfimo de crédito geografar
Desnorte sul de aquém
Não era além...
Não existia...
Não vivia
Não aparecia
Não obesodecia
Gordos da carne, não bebia
Doeu, mas passou

Começou, mas passou
Picou, mas não envenenou
Operou, mas não se fez ocasião
De invalidar o cirurgião...
Dói cancerígeno
É invisível endógeno...
Doeu, mas passou
Morreu, mas ressuscitou
E nunca mais haverá dor
Se alertar anti-corpos, há o clamor.



ERROS DESTES

Que se apaixonam cegos
E pintam-se os desaparegos
Erros dos desencontros de estrelas
Estrelas tão belas
Desnecessárias no outro planeta
E aqui são a caneta
Ali são outro objecto qualquer
Invisível impossível de ver
Erros que não são
E segundo a sua missão
E não trocados de fé
No palácio de Nabucodonosor, Noé...
Sansão ao pé da maré
Dalilas na praia deste lado
Para pascoar assegurado
Moisés velando por Pedro, tábuas quebradas
Abrão no átrio das entradas
Para cumprir palavra por morfema
O belo poema
Onde os ossos dos outros ossos
São continuos destroços...
Estéril paisagem ali onde Adão fixo da derivação
Pré-fixo de Jó-ão
Baptismos no amor
Arrependimentos e clamor
Fogo consumidor

Créditos Índice Capa

Certo na promessa direccionada
Não era digno desatar
Em Nínive na entrada
Erros de pensar
Que Jonas não era seguir estrada
Mas ir por outro mar
É mesmo David até onde chegou
E não se pode inventar outras chegadas
Erros destes onde um médio
De alegria lhe cobram superior em tédio...
Onde um gume de faca
Tem de fazer o papel e dar machadada.



LUGARES SECOS DO DESERTO

Campinas de coração braço de apoio
Fontenários próprios e os alimentícios de joio
Dourados de reforma
Explorando plataforma
Esses chafarizes no deserto
Campinas de secura ali perto
Onde milagres cegos são
São retornos de fonte e sustento
Tudo acontece como um portento
E miraculosa vida animal
Renovável processo fenomenal
Deserto biótico sem nada
Tem tudo que urge ter na entrada
Salinas de perdas de sabor
Sede e pede água de labor
Planeta morte e anestesia
Utopias de fantasia
Quimeras de coração satisfeito
E sonhos de eternizar cada raiz
Lugarejos de pastoreio
No arraial e um sábado adomingado no meio
Helenos e galegos no arraial
São dízimos até a doçura essencial
Doutos dando esperança
Testamento traduzido em herança
Vilarejos de aconchego

Créditos Índice Capa

Templos de apego
Harpas de sinestesia
Amarelados de uma fidalguia
Perdidos achando traves e haste
Articulados de absoluto veneno contra a peste
Lixívia no lago podre da prisão
Limpos conduzidos com visão
Mas são segos sedentos nos ecos
Ocos lugares secos
Fazem oaristos de deserto em acampamento
Coitados revelados de desencontros e tormento
Ânsias de levar tudo e todos
Ânsias de os ver limpos os lodos
E vê-lo
Grinaldado de cabelo
Véus anunciando segredos
Coragens apregoando contra os medos.



PÁTRIA CELESTE

Onde a justiça fala verazmente
Verdadeira cidadania
Virtudes a construir tormente
Os ânimos de vigia e harmonia
São coros, sonidos de hino
Cobrindo a superfície da existência
E tudo se alegra cada inquilino
Neste prédio que espreita o ouvir
Nova devoração de fogo a esculpir
E o trovejar da glória
Clama clamorosa vitória
E as pinturas de guerras
São batalhas nas serras
E as lezírias louvando
Cânticos de Cades desertando
Ó pátria que nos encanta
Celeste deslumbra e espanta
Rumores de fragrância
Odores à distância
Exalam lutas travadas
A eternidade e a perenidade forjadas
Operário arado de campina
Colinas de amparos
Celestitude da limpidez cristalina
Os crisólitos de mineral
Cantam em coro geral

Créditos Índice Capa

Ó pátria celeste
Que norteia, sular leste
Oeste batendo palmas de confiança
Odes d'acção de graças e abastança
Próspera celestialidade
Naquela cidade
Ó pátria nação sã...
Que se renova em cada manhã.



HOMEM VERTICAL

E nesta verticalidade
Tortos de tempestade
São intrusos
São infusos
Mas a continuidade erecta
Numa oscilante linha recta
Homem vertical que ondeia horizontes
E são sombras claras
De toneladas em taras
Grudados de aderência
Sentido aprumo de essência
Reminiscências de esquecíveis
Que para atrás ficam para dar lugar a outros níveis
Homem impreterivelmente
Verticalmente
Aprumo radicalmente
Falível, mas em linha contínua
Opaco sem sombra nesta rua
Homem vertical
Sensível de dor,
Mas não faz mal
Estas hiperbóides têm velocidades de amor
Sempre aprumo
Expansivo e rumo
Missionário dos altos
Voragem nos asfaltos

Créditos Índice Capa

São arutos.
São lutas
E labutas
Que dão essência à vida
Às de formidável poemário
Servil aprendizando
Plenilúnio de expansão verticalizando
Sujeito batível, mas plenipotenciário
Resfolegado d'Almo
Medido a palmo
Barro sobre barro
Fez-se camada vertical
Um complexo social
Homem vertical.



DADIVOSO PRÉMIO

Que se asseverou do céu descer
Fazer-se servil
E vela que gasta a viver
Dando luz e perfil
Do cativeiro apagar as pegadas
E as ondas fazem paredadas
Dadivosa vida
Que nos convida
A golfinhar com Neemias
Nestes betumes emadeirados de harmonias
Devaneios ébrios contentes sem contendias
Portas no arraial das tendas
São fendas para desfiles da nuvem esperançadora
Desfiladeiro e faz uma carruagem motora
Transportando o nosso viver
À luz para a treva esquecer
E o fogaréu
Aquecendo o mel
A cana agitada pela curiosidade
Dadivosa admiração da emociolidade
Faz paz de fé
Que caiu de pé
Vão as hiperbóides no rasto de fogo
Baptizar e fé(tebol) jogo
Golos de gozo e regozijo
Defesas de ouro é palavra

Créditos Índice Capa

Sementeiras na lavra
Um produziu trigo exponencial
Para alimentar por total
A fome e dadivoso viver
Abandonar-se na base a suster.



DE JOELHOS

De joelhos desvazia-se os balões
E se constrói novas comemorações
Nova festa de submissão
Dedicados em oração
De joelhos uma conexão de tendões se faz
Um idioma de humildade subjaz
Do profundo coração petrificado
De um adulto de escúpulo edificado
Faz-se numa humildade e dependência
E se resgate a divina essência
Que se perdeu na adulteração da alma
De joelhos se faz personalidade calma
Apressada em levar tudo aos pés de Deus
E já não há seus
Seus pertences de idolatria morrem
De joelho velocidades correm
Até Deus para durar
E ocorrer um falar
Falar sábio de sabedoria
De joelhos não há mercadoria
Mercadoria corruptiva
Nova tentativa
Faz da fé
Um humano de pé.

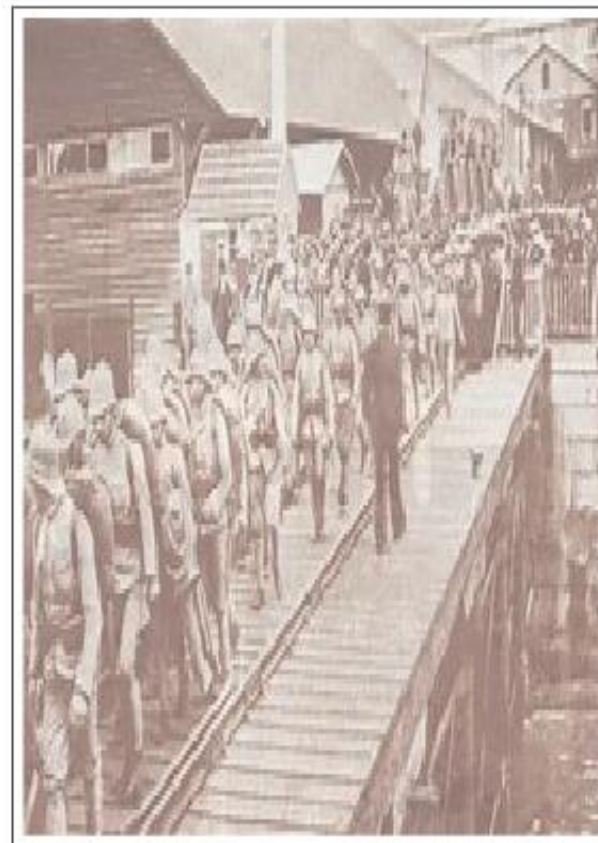
CRÓNICAS DOS ACONTECIMENTOS

De estória em estória
Faz-se a história
De pele em pele se nos oferecia
A revelada profecia
De verso a verso
Nos pruridos cada reverso
Para salvaguardar a salvação
De pele em pele a codificação
O Apocalipse ocultado
Contudo, revelado
O terror e zelo humano
Fazem o zelo profano
Anti-Cristo sedento de único lugar
Onde anjos escravos de lutar
Morrem no altar
De fome e sede
De estória em estória
Faz-se memória
Memória espiritual
Despido da convenção social
Sementes de sésamos
A temática faz onde estamos
Rumores podres no silêncio das almas
Peristaltizando o vazio do esófago da Galácia
Até à garganta enosar a falácia
De estória em estória

Créditos Índice Capa

Faz-se limpeza de escória
E se desperta da sorna acordada
E se muda a matéria abordada
E se questionam axiomas de siso remoto
E não há mais totoloto
Nem bilhares de negócio roto
De estória em estória
Faz-se alicerce de escapatória
Na autoestrada da história
Rumos à eternidade
Onde não haverá mais palestras
Nem diferenças destrás
Nem ciências acústicas
Nem avenidas rústicas
Não haverá mais colesterol de unguento oleoso
Nem pele carnal rigoroso
Como as convenções
Na segurança das populações
De estória em estória
A missão obrigatória
Não perdidos no alvo fosco
A linguajar do etrusco
E deixar de acertar
Com acertos que são de erro palmar
Erros desapercibidos
Que consistem nos inseguros defenderem a segurança
Dos antigos testamentários naquela herança
Defendendo a verdade

Não se psicologie o ser
No que não deve reverter
De estória em estória
Páginas da dúvida obrigatória
E faz-se dúvidas do meu alvo
Se busco ser salvo
Arriscando pela verdade
E digo que já a verdade arriscou-se por mim na cruz
Foi Jesus
Que por mim morreu
E não eu que morri por mim
Sim, de estória em estória
Páginas duma história.



SER CRIANÇA

Brincamos até ao fim do dia
Ser criança nos nossos aparelhos
Somos nós a pura nostalgia
Somos na idade dos velhos
Corremos para diversão
Ser criança nas nossas articulações
Somos nós a questão de vidro e vedação
Somos na jogada das incursões
Dormimos soninho de beliche
Ser criança é um estado feliz
Tulmutos não erguemos
Ordem descontraída vivemos
O paradigma de salvação
Sem formalidades
E não perdemos tempo em desnecessidades
Enviamos mensagens de carinho
Ser criança é uma flor no espinho
Aquela inquietude de curiosidade
Nossas perguntas são extraordinárias
Simples e necessárias...
Fazemos festas de balões
Enfeites de salões
Alegria está no ar.
(SER CRIANÇA)...
É o espectáculo da existência
O Reino de essência

Créditos Índice Capa

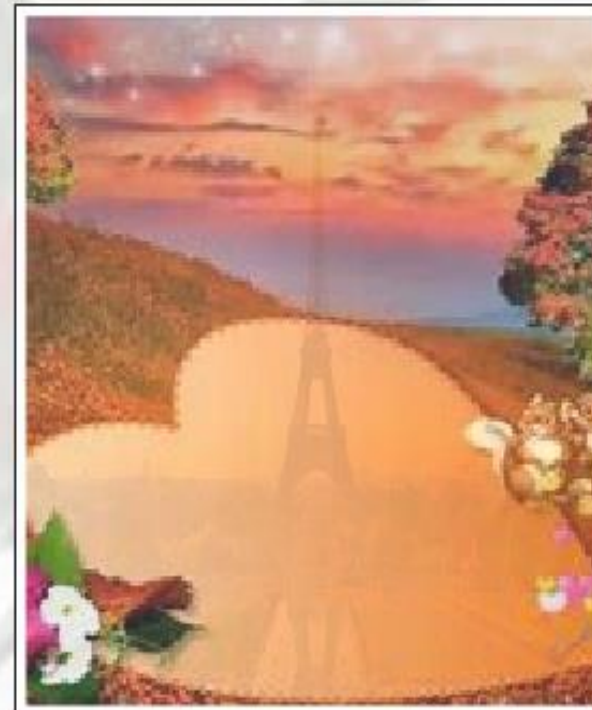
A fragrância de 500 metros de raiz
O verdadeiro gozo do nariz
Ser criança é ter 2000 células da glória
Viver cada estória
Pura de encantos
E ornatos doutro lado da Galileia
O carrossel nesta boleia
Até a estação férrea e a rua
Neste comboio e a grua
A construir degraus de perfeição
Onde não há tradição
Mas libertação
Onde não há antigos velhos
Os dinossauros espelhos
Mas genuína adoração
Sem obrigação
Nem sábados da confusão
Mas descanso sabático da limitação
Ser criança é ser abalizado
Direccionado e amamentado
Para fortificar os ossos da estação adulta

VESROS EM PELE DE OVELHAS

Ovelha sempre ovelha
Alerta de levantada orelha
Atento a voz de pasto
Sempre ovelha o senso casto.
Constantes numa paisagem firme e afirmados
Felizes e se enfermados
Deus os cura
E se gritando na secura
Dizendo: vamos morrer, vamos morrer
Cristo diz: vão viver
A vida não é vossa
Não protejam a carroça
Deixem deixar-se levar
Não procurem defender o altar
Onde a vossa mesa significa comunhão
No partir do pão
E não de exibições sociais
Não se deixando confundir
Nem contundir
Podem os governos desejar sermos hiperpótamos
Não é possível alterar
Então sermos sempre ovelhas
Se nos acusarem de lobos
Nós seremos sempre ovelhas
Se disserem que não merecemos parselhas
E que somos antiquados

Créditos Índice Capa

Isso nada significa e passa nos lados
São lanças que não vão quebrar ossos
São intentos que não vão fechar os poços
Água teremos
Regozijos cantaremos.
Se nos ferirem as dores não sentiremos
Não seremos confundidos nas águas turvas
Onde pescam nas curvas.
Seremos sempre de Jesus Cristo
Se disserem que não somos
Isso o que somos
Não depende do que dizem
Somos e somos.



COM OS ECOS

É aqui onde vivemos
É aqui onde escrevemos
É aqui onde somos localizados
É aqui onde somos pisados
É aqui onde somos reduzidos
É aqui onde somos vidros diáfanos
É aqui onde somos jogados nos anos
E séculos que passam, quebrados
Atirados no chão desprezados
É aqui onde somos cacos de vidros pisados
E é aqui onde pisam e por isso são magoados
Sem saber são cortados
É aqui onde exploram o ar
E agora há dificuldades de respirar.
É aqui onde estragam alimentos
E agora há famintos em rebentos
É aqui onde se semeiam dízimos de serpentes
E agora são picadas das gentes
É aqui onde se semeiam zelos de religiões
E agora sentimentos religados em confusões
É aqui onde famintos de adoração
E agora adoram figuras de prestação.
Figuras de alto valor
E se esquecem os necessitados neste calor

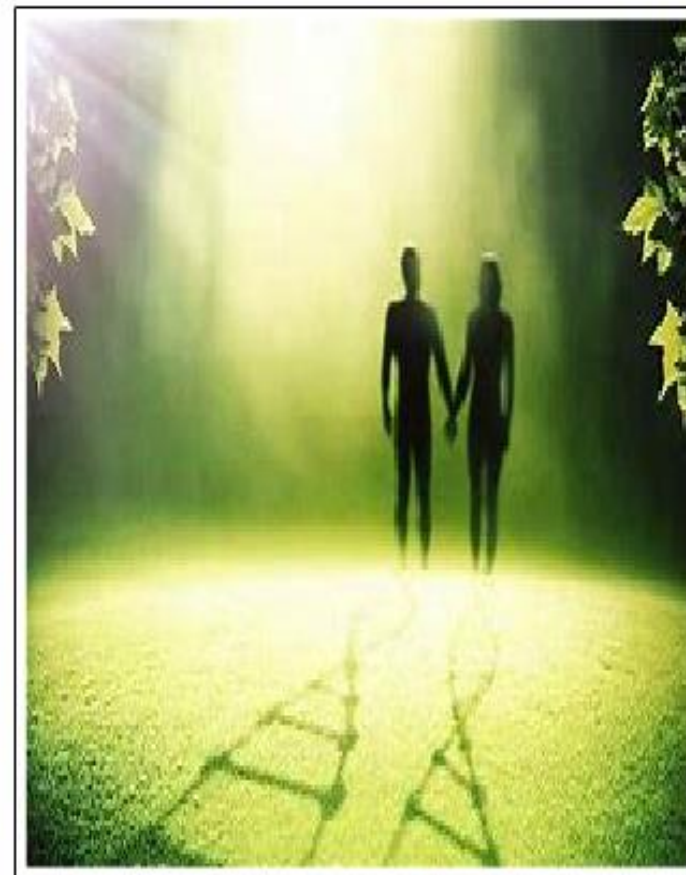


EROSÃO

Vandalizou-se o Reino
Novo credo imperador hino
Cada estatuto um novo treino
Evangelhos segundo a trindade das necessidades piramidais
Os humanos feitos animais
Os demais
Os rectos em linhas tortas
Os inventores doutras portas
Fazem novos caminhares
Em rezingas nos mares
E os povos amam o engano
Nas doutrinas ano após ano
Trindades sonâmbulas
Que juntam com quem espalha
Rigorosos ventos de falha
Quebrando vasos
E agora procuram ocasos
Num pôr do sol que irradia
E a música faz média ao dia
Louvaram a si mais do que se pensa
Querendo a fiabilidade imensa
Protestam o que concordam
São escravos sem saber
Libertos só para fazer ver
Mas de qualquer jeito
Se tudo o desfeito

Contribuir com erosões
São desgastes de emoções
E é dúbio o que se escreve mortíferos contra a inveja
Carta a cada igreja
Tu, tão bela e catedral
Cheia de ornatos e esmeralda de sal
És doce mel e mal
E pensas que és rainha
Pois não sabes que és zé-fernandinha
Onde estás edificada?
Ó geração intelectual...
Andas embriagada...
Nas arqueologias do arraial
Indígenas e de enxertos
São evitados desertos
Por percorrer
Percorrendo os já percorridos
Por isso vê-se vida a morrer
E morte a viver
Portas do inferno a prevalecer
Antigos testamentos a reger
E governos a perverter...
São habitudinários abolidos
Trazidos para a liberdade
Cortam vestidos
Rasgam a nudez em utilidade.
Pesos para pesar, tidos leves
Leves para aliviar, tidos pesados

São atrasos reles
Tentos chumbados...



SANTO DE ESPÍRITO PRONTO

À beira da aceitação
Negou-se a si em prontidão
Mil intercessões em oração
Seus pecados confessos de confusão
O santo de espírito pronto
Embriagado e tonto
Monólogos fora de si um confronto
Acusação de um ampliado conto
Condenou o dia-bo ao santo
De espírito pronto e outro tanto
Choro e receios de pranto
Desmereceu-se ser digno santo
E de espírito ladrão confesso
Escolheu o vazio expresso
Ser nada esperava um impresso
De um arguir professo.
Santo de espírito pronto e exigente
Mais consigo do que com outra gente
Para todos os efeitos, um vivente...
Pregando arrependimento referente
Pregando pontes de ligação
E não de separação
Ouvindo batimentos do coração
De Jesus no monte na preparação
Não orou sequer uma hora de propagação
Nem cronométrico de atenção.

Créditos Índice Capa

Santo pronto de espírito e indigno
Morava em si um desconhecido destino
O que ele chamou de desdivino
Incapaz de ser aceito no Reino
Mas sempre pronto e desafiado
No mundo não mais voltar misturado
Mais santo ainda e em Deus santificado
Mas sempre no pó enterrado
Indigno de viver
Talvez morrer
Pudesse florescer
Mais não via em si crescer
Rebentos de primavera
Nem aqui, nem noutra era
Era um desespero em espera
Indigno na terra
Mas sempre fito ao céu
No desmerecido troféu
Assim cogitava no seu eu
E num dia nada prometeu
Santo de espírito pronto.

CRISTO E AS RELIGIÕES

As religiões
São suposições
São visões
Frutos de muitas incursões
São nirvanas que superaram navegações
São levitações
Frutos de orações
Matinais, vespertinais...
E outras divisões
São sacrificiais
Duras peregrinações
E elevadas porções
E unções
São meditações
Repetições
E sacramentos de loções
Que são adorações
E vegetações
CRISTO É AFIRMAÇÃO DA VERDADE
Não são visões e saciedade
Não é a busca da salvação
Ele é a própria salvação
Não são rezas para viver
Ele é a vida que é estado de ser
Cristo não são reforços de morrer
Cristo é a graça a escrever

Créditos Índice Capa

Textos em perfeito morfema digno de aprender
Cristo não são cargas pesadas
Nem são cruzadas
Que Ele já venceu
Resta-nos viver como vencedores nesse troféu
Onde somos mais do que galardoados
Abençoados
Ensinados
Discipulados
Ministrados
Cuidados
Levados
Transformados
E não somos nós mesmos que nos transformamos
Como se faz crer nas religiões
Onde orações são repetições
E não posse de construções
Construídas em preço de sangue.

OBEDIÊNCIA DESOBEDIENTE

A pura obediência dos servos pequenos
É tão grande furor de furacão
Em actividade de erupção
E sentem-se ameaçados
Os dinossauros da idade antiga
E sentem aperto de uma formiga
Nas cavernas escondidas do inconformismo...
Pequenos servos sedentos de Jesus Cristo neste pluralismo
São inquietos livres obedientes
Mas por serem livres parecem ser desobedientes
Há fogo que consome por dentro
E coloca a nobreza de Deus no centro
São dedos irredutíveis a servidão
Atados a salvação
E os sacerdotes tradicionais e velhos
A fazerem pressão de espelhos
Na face dos reflexos novos
São multidões na virtude dos povos
Nos sábados, bem-feitos
Sinagogas desobedecidas
Onde só se prega a morte, nasce vidas
São desânimos impingidos
Labirintos estabelecidos
Para guiar o povo nos ditames do fracasso
Ofusca-se o caminho
Com durezas de aço

Créditos Índice Capa

Que inventam novo vinho
Nova embriaguez
Novos espíritos entre às nove às dez
Atam fardos coronários
E outros incensos vários
Em rezas vãmente repetidas
Para aperfeiçoar as vidas
Dizem adicionar sacramentos
Para reforçar a graça
Nesses aumentos
Impossíveis de levar
Sentem-se no verbo destronar
Ameaçados a perder o trono
Que na verdade já tem dono
Deus é o dono
Por Ele e para Ele são todas as coisas
E não há loisas
Não há dízimos, não há impostos
Não há indulgências e ofertas
Para comprar a salvação
Não há louvor numa canção
Para alegrar a Deus
Deus quer o louvar do nosso fôlego
O mais profundo âmago



GOTAS DE CORAGEM NUMA TAÇA DE MEDO

Ameaçados e procuram refúgio na confusão
Cercados de um leão
Da tribo dos intrusos na caminhada
Confiantes na chegada
Apertados doridos atribulados
Regozizados
Pacientemente
Selados eternamente
Não desistam a favor da apostasia
Sejam guiados pelo Espírito Santo
E noutro tanto
Onde forem localizados
Não façam crença nos desanimados
Congreguem vossos corações
No silêncio das aflições
Não digam que vocês são fortes
Não busquem outros suportes
Admitam que foram revogados
E não refogados
Substituídos de natureza
Não se agigantem na hiper beleza
Que a maquilhagem manifesta
Realces na testa
Mas identificados
Na identidade dos consagrados no céu
Aqui na terra o troféu.

Créditos Índice Capa

Os hábitos da terra no habitat da vida
Alojam-se tentativas
Para derrubar a permissão
Que nos remiu na remissão



SÁBADO CEDO

Íamos sinagogando
Obedecendo a lei louvando
Discípulos aceites sacrificando
O que é mister precisando
E ia separando
Sinagogas zelando
Por sexta-feira se aconchegando
E iam constinizando
Para novo império imperando
Rei das idolatrias liderando
E revogaram o sábadado revogando
Que agora é domingo domingando
Trigos cultivados erguendo
Dízimos de joio aproveitando
Bezerros nas paredes rezando
Mandamentos na tábua do que se ia desejando
Foram manipulando
A lei alterando
De tal modo que se vai perdendo os reflexos espelhando
O que já não aceita resignando
Tal lei muda vai pecando
Bezerros da morte cantando
A conduzir almas louvando
Neste judeu costume privilegiando
Sábado abolido reinando
Domingos dízimos adicionando

Créditos Índice Capa

O inquilino substituto vai tocando
Ofertas antigas de hortelã dando
Frutos do suor queimando
Aromas suaves voando
Como as aves chilriando
Faz sentido desde cedo descrevendo
Milagres em dia dos fariseus escrupulando
Mas é lícito fazer o bem sabatizando
Todos os dias são dias dignificando
Mas a coação tomou lugar calendarizando
Ministros oferecendo
Fogos de pasto e esquecendo
Páscoas recolhendo
O pentateuco perpétuo escrevendo
Novos hebreus desconhecendo
O que Cristo foi defendendo
Não tinha onde reclinar comendo
Mas comia e ia morrendo
Mais forte que vida, ia vivendo.

LÍNGUAS DE FOGO SOBRE ALMAS DE PALHAS.

Queimados queimando
Espiritualmente coroando
Línguas de fogo confundidos
No fogo de babel
Ventos impetuosos sacudidos
Belas belezas da jezabel
Venenos de fogo à míngua
Este fogo de língua
Sobre palhas levadas
A seguir após portentos
Nas arqueologias escavadas
Voragens e velozes ventos...
Línguas de fogo aguçadas
A espiritualizar preces equivocadas
E saem destemidas a pregar
A anunciar verdades que incinerando...
Reduzem a nada, e vão tornando...
Pior cada vez mais, repelentes
E são dinossauros exigentes...
Que atam fardos de medo
Fazem tarde o que ainda é cedo
Línguas de fogo sobre almas de palhas
Evidenciando as falhas
Magoadas sem mágoa
Aspergidas com água
No profundo lago de bronze

Entre às dez às onze...

Línguas de fogo...

Receberam logo...



USINA DE SAL DIVERSO

Peleja de duzentos sabores
Terráqueos experimentados de dores
Zelos e múltiplos dízimos de amores
Forçados a suceder
Para fazer ver
E humilhar jubilosamente
Foram exibidas as insígnias pecaminosamente
No Reino Abrigo de Paz
Murmúrios e pessimismo sagaz
De esquizofrenias de puros abomináveis
Usina espiritual nos responsáveis
Para serem ditadores no democrático
Sistema do cargo teocrático
Mordomias do erário que não é nosso
Guardadores do poço
Agravos desfiladeiros
Cabanas dos viveiros
Espiritual repelente
Competente exigente
Zelos de usura
Vinha d'agrura
Oliveiras no deserto
Onde o diabo se resguarda perto
Enrolado em capas para tapar o pecado
E sem saber mil anos já são velhos
Que não conseguem deparar nos espelhos

Com suas energias
E cirurgias do Egipto



ESTÁ FEITO, MAS NÃO É ASSIM

Assim se faz princípio e fim
Sentencial, mas não é assim
Pode até ser reluzente
Pode ser eficiente
Mas não é assim
É auto medicação, sim!
Cura sim, mas...
São, vamos dizer, ódios de paz
Faz divisões, os nossos
Variados de água, os poços
São tribalísticas parcelas
Nomes de religiões nas tabelas
Autoridades exigentes de respeito
Com o indevido poder no peito
Plenos da vida toda inteira
Cheios recheados de primeira
Não é assim por exemplo
Como se determinou nalgum templo
Que tu podes adorar aquela iguaria
Depois podes adorar aquela maria
Depois, quando quiseres outra alegria
Está feito, é bom, é euforia
E depois mais aquela fátima e outros seres
Podes desejar a criatura que quiseres
Mas isso é errado, não é assim
Queiras ou não, sim?

Créditos Índice Capa

Adoras uma estátua bela
Adulteras com ela
Isso te faz bem e é tua religião
Tiras nisso assim mesmo lição
Adulteras
E alteras...
E depois pedem divórcio...?
E desfazem o consórcio...?
Quem vos ensinou a divorciar?
Quem vos ensinou a venerar?
Foi Deus?



O CULTO QUE CONTA

É o culto racional
E não o emocional
Monumentos
E momentos
Erguidos de cultos
De toda faixa da pele até adultos
Uma adoratrarão cultural
Faz-se futebol de adeptos ferrenhos
E quando se mete um golo com os empenhos
Ovacionam eufóricos
São temperos alegóricos
Uma atmosfera colectiva
Nos reaviva a veia activa
Até ver-se racional crescido
Insensível de sentir-se condensado num vapor
E é de lábio apressado o muito amor
Na redarguição sai ar
E tine um som vácuo no verbo calar
O exibido momento mais belo
Precioso de tê-lo
Magnético e publicitário
E emocional no convidar
E quando vem a onda rolar
Na rocha de cimento bater
E sair areia boquiabertos a viver
Vivendo uma vida de multidões

Créditos Índice Capa

E na maior parte dos ápices
Ficas só nas configurações
E esses pesados cálices...
Não resumas a tua autenticidade
Nas ondas em revezes na restinga
A fazerem bela a paisagem sem rezinga...
É bom, é comunhão
Mas só fica na emoção



INJUSTIÇA É INJUSTIÇA, VENHA DE QUEM VIER...

Jesus nunca defendeu
As injustiças do mundo
Antes condenava as falhas
Não só condenava
Também dava soluções
Não causava divisões
Porque ele veio para todo...
Todo aquele que crer n'Ele
Seja quem for
Por amor...
Viva fora das lutas da carne...
Mas em oração e súplicas
Em petição segundo o que Deus quer...
Tudo se resolver...
Jesus Cristo não nasceu
Para vir ao mundo mimar
Os caprichos das inércias humanas
Divididos em caravanas
Mas veio ensinar o que é ser homem...
Veio mostrar o que os olhos não vêem
O que o entendimento não entende
Veio fazer ouvir o que os ouvidos...
Todos entupidos
Não podem ouvir a justiça
Porque foram corrompidos
Foram mortificados feridos

Créditos Índice Capa

Pelos rumores terremotos dos queixumes
Injustiça é injustiça
Não há meias medidas
Nem injustiças de pessoas queridas
Não há, nunca haverá, não pode haver
Jesus ao nascer...
Veio ao mundo nos mostrar
O que mesmo a olhar,
Nunca veríamos...
Conflituosos viveríamos
Procurando injustamente pela justiça...
Numa atmosfera governada pela injustiça...
Jesus veio promover juízo
Conhecimento e bom siso
Senhorio, em que maior...
É para servir ao menor
Jesus veio mostrar-nos que o forte
Não deve estar lá na corte
Na majestidade
No topo da sociedade
Mas para sustentar o insuficiente
A míngua luz insipiente
Veio Jesus desfazer
As constituições dos impérios
Veio pregar nos ermitérios
No vazio onde os humanos
Pensavam que eram fulanos
De tais gordos de letras

Que tinham honras extras
Que eram príncipes, afinal...
Miseráveis inconscientes...
Injustiças serão sempre fermentos
Que levedam os alimentos
Que danificam toda a vivência
Que anulam toda a experiência...
Jesus não veio ao mundo
Para viver a choramingar com o mundo...
Mas para mostrar força e poder
Para eternamente viver...
Jesus Cristo veio necessariamente
Para libertar, para anular a corrente
Que acorrentava os vivos
Veze sem conta subjectivos...
Incapazes de perceber...
Era impossível ver...
O que era e o que não era
Era improvável desfazer-se
Desta vasta quimera
Do que os humanos presumem
Nas sínteses que resumem
E supõem que podem...
Mesmo coxos pensando que devem
E podem andar
Com ódio querem amar
Desesperados querem esperar
Errados querem justificar-se...

Querem estar certos
Por meios incertos
Querem abraçar sem braços
Pilares sem aços
Fazem-se ferros
Nos seus erros...
Heroísmo é assim...
É saber reconhecer, sim!
Reconhecer
E se arrepender
E se queixar das próprias injustiças...
Ou das daqueles que nos são próximas...
É isso que Jesus
Nos ensina...
A tratar os outros neste clima
Como gostaríamos que nos tratassem...



Biografia

Jorge Rafael Tchimbumbo nascido aos 14 de Dezembro de 1993. Filho de Joaquim Francisco Tchimbumbo e de Rosalina Natália. Pseudónimo literário é (Rafael Scherzer).

Estudante de Comunicação Social no ISPT – Instituto Superior Politécnico Tundavala.

Formações:

Curso de Informática, curso de jornalismo, cursos de medicina natural chinesa pela Eternal Angola, cursos de: ABC da Bíblia, Discipulado e Diaconato este ultimo não completo pelo Ministério El Shalom – Lubango onde fui baptizado aos 25 de dezembro de 2016.

Contraí matrimónio na Conservatória da Huíla com a Sr (a) Teresa Samba
E temos um Filho.

Créditos Índice Capa

Ondas no Rochedo

Elaboração: Rafael Scherzer (Jorge Rafael Tchimbumbo)

EDITORA DIGITAL
"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico e Edição em E-book

Belson Pedro Raimundo Hossi



Músicas de fundo:

Loduvico Einaud - Nuvole Bianche

Matias Damásio - Esperança

Créditos Índice Capa

Todos os direitos desta obra reservados a

Rafael Scherzer (Jorge Rafael Tchimbumbo)

Este E-book esta protegido por
leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSS DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra esta sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exhibir, desde que
seja dado crédito aos autores originais - **Não é
permitido modificar esta obra**, não
pode fazer uso comercial desta obra. Não
pode criar obras derivadas.

*A responsabilidade
pelos textos, músicas e imagens
é exclusivamente do Autor.*

Voltar a Capa

